

UMA VISÃO DIACRÔNICA DAS ALTERAÇÕES NO SISTEMA PRONOMINAL E SEU RESULTADO NA FORMAÇÃO DO PARADIGMA DO MODO IMPERATIVO DE SEGUNDA PESSOA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO  
(A DIACRONIC VISION OF THE ALTERATIONS IN THE PRONOMINAL SYSTEM AND ITS RESULTS IN THE FORMATION OF THE PARADIGM OF THE IMPERATIVE MOOD IN THE SECOND PERSON IN THE CONTEMPORARY BRAZILIAN PORTUGUESE)

Wanderley SUEIRO (Universidade Estadual de Londrina)

*ABSTRACT: The author intends to study the use of the imperative specially in the second person singular in the way it happens in contemporary Portuguese. The work analyses a play by Martins Pena (1845) and a recent novel by Álvaro Cardoso Gomes (1996) in an attempt to present a systematic description of the use of the imperative nowadays.*

*KEYWORDS: imperative; evolution; pronominal system*

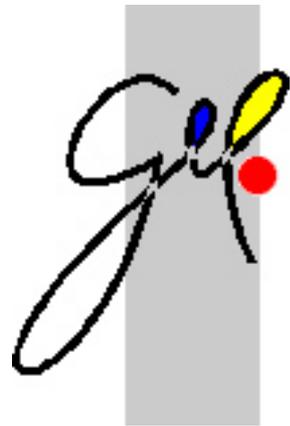
## 0. Introdução

Este trabalho surgiu de nossos próprios questionamentos enquanto professores de português, uma vez que notamos que a descrição/prescrição do modo imperativo oferecido pela gramática tradicional destoa bastante do que encontramos na linguagem viva do português contemporâneo. Mesmo enquanto professores de português, notamos que só se usam as formas do imperativo via aprendizagem formal, tendo que se estar sempre recordando o complexo sistema de derivação que a gramática normativa oferece para a formação desse modo na língua culta.

Acreditamos que a explicação para isso seja o fato de a gramática tradicional se valer de um modelo de língua desatualizado, de modo que aquelas estruturas por ela apresentadas não são mais usuais, não informando o processo natural de aquisição da língua dos falantes do português de hoje.

Assim, este estudo vem a propósito de lançar alguma luz sobre a questão, procurando colocar nos devidos termos, ainda que parcialmente, numa perspectiva diacrônica, a questão do uso do imperativo no português do Brasil, na forma como ele realmente se dá hoje em dia.

Papel importante na decisão em se investigar esse tema, teve a leitura do trabalho de Duarte (1996), em que a autora se refere à simplificação dos paradigmas flexionais no português brasileiro. Embora o objetivo de Duarte seja diferente do nosso, o da autora é de verificar a relação dessa simplificação com a possibilidade da ocorrência do sujeito nulo, sua referência à questão nos



provocou a necessidade de questionamento e alguma sistematização do paradigma do modo imperativo na atualidade.

#### 1- O sistema pronominal

Encontramos em Figueiredo Silva (1996) um pequeno histórico da evolução do sistema pronominal no português brasileiro, em que se contrapõe a série dos pronomes nominativos no nosso português com o que fornece a gramática normativa, baseada no português europeu. Ainda que não seja o ponto central do trabalho daquela autora, sua referência nos fornece dados para a reflexão posterior:

	<b>PB</b>	<b>PE</b>
1 <sup>a</sup> pessoa do singular	eu	eu
2 <sup>a</sup> pessoa do singular	você	tu
3 <sup>a</sup> pessoa do singular	ele/ela	ele/ela
1 <sup>a</sup> pessoa do plural	a gente	nós
2 <sup>a</sup> pessoa do plural	vocês	vós
3 <sup>a</sup> pessoa do plural	eles/elas	eles/elas

Embora saibamos que o pronome **tu** ainda subsiste em alguns dialetos do PB, é dominante hoje a forma **você**, originalmente **Vossa Mercê**, uma das formas utilizadas pelos escravos para se referir a seus proprietários. A explicação para o uso da flexão de terceira pessoa para essa forma está em que os pronomes de tratamento formal em português sempre foram associados à terceira pessoa do singular (op. Cit. P.38). Além da substituição de **tu** por **você**, vemos o uso cada vez mais restrito da forma **nós**, da qual a expressão **a gente** tem tomado lugar.

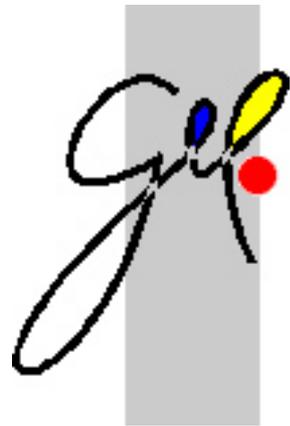
Conforme podemos constatar, as gramáticas normativas de que dispomos, conservadoras e às vezes até reacionárias, ainda não empreenderam descrição sistemática do português contemporâneo no que respeita ao sistema pronominal (bem como a outros aspectos gramaticais), fornecendo material ultrapassado para os que nela buscam uma visão sistemática da língua em uso.

Importa para o nosso trabalho, porém, considerar que as modificações no sistema pronominal sofridas pelo PB tiveram reflexo no sistema de flexões verbais, que se tornou mais empobrecido.

#### 2 - O sistema flexional

Numa visão diacrônica, Duarte (1996) nos oferece uma tabela que reflete a evolução nos paradigmas flexionais do PB, tomando como exemplo a conjugação do verbo *cantar* no presente do indicativo.

Conforme explica Duarte, o português brasileiro passou de um sistema com seis formas distintivas, mais dois "sincretismos"- a segunda pessoa indireta, que utiliza formas verbais de terceira pessoa (no paradigma 1) - para



um paradigma que apresenta quatro formas, por causa da perda da segunda pessoa direta (**tu e vós**). Se se considera que na fala das pessoas mais jovens é cada vez mais freqüente o uso da expressão **a gente** no lugar de **nós**, temos um paradigma com apenas três formas distintas, uma vez que **a gente** se combina também com formas de terceira pessoa do singular. Essa redução leva, segundo Galves (1991) referida pela autora, à perda do traço semântico, relacionado às três pessoas do discurso, restando apenas o traço sintático a essas formas. Não se pode deixar de lembrar que em alguns subsistemas ( ou variantes...) do português, tem-se mesmo duas formas apenas, com distinção somente da primeira pessoa em relação às demais, dados que importam à nossa reflexão mais adiante.

### 3- A formação do imperativo na gramática normativa

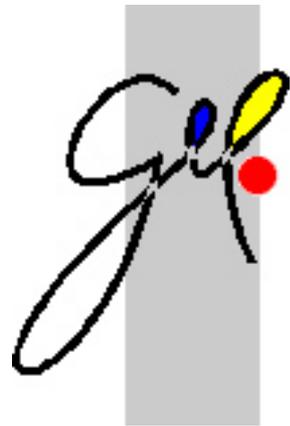
Conforme mencionado, a gramática normativa ou tradicional reflete um padrão de linguagem muito diferente daquele realmente em uso na atualidade. Como é de conhecimento geral que uma gramática copia a outra, mudando quando muito apenas os exemplos, não tivemos a preocupação de nos valer da mais famosa. Em Savioli (1987), por exemplo, na sua *Gramática em 44 Lições*, assim se esquematiza a formação do imperativo:

presente do indicativo	imperativo afirmativo	presente do subjuntivo	imperativo negativo
canto ----->		cante	-
cantas ----->	canta	cantes ----->	não cantes
canta	cante <-----	cante ----->	não cante
cantamos	cantemos <-----	cantemos --->	não cantemos
cantais ----->	cantai	canteis ----->	não canteis
cantam	cantem <-----	cantem ----->	não cantem

Podemos observar que a gramática normativa ainda conserva as formas **tu** e **vós**, ainda usadas no português europeu, mas que estão em extinção no PB. A segunda pessoa do plural, por sua vez, é muito mais rara e , quando muito, só aparece na poesia ou em situações em que se pretende que a linguagem tenha um tom mais sublime.

### 4- Os dados desta pesquisa

Os estudos sobre a história do PB têm se valido, dentre outras fontes, de peças de teatro classificadas como populares pelos historiadores e críticos de teatro (veja-se, por exemplo, Magaldi, 1997,p. 57). A escolha se justifica ao se considerar que essas peças tendem a reproduzir a fala viva do tempo em que foram escritas. E é essa fala que importa ao se procurar reconstituir a história de uma língua, principalmente na recente perspectiva da sociolinguística paramétrica. Para o nosso trabalho, que não tem nenhuma pretensão direta em



contribuir para o estabelecimento de parâmetros do PB, mas que surgiu na esteira de um desses trabalhos, tomamos uma peça de Martins Pena, intitulada *Quem casa, quer casa*, de 1845, para procurar traçar um quadro do uso de imperativo na época. Assim, procuramos verificar se a língua da época se conforma ao que estabelece a gramática normativa que temos e como era o paradigma da formação do imperativo em relação ao que temos hoje.

Para termos uma visão do hoje, optamos pelo livro *A história final* (1996), de Álvaro Cardoso Gomes, cujos romances são bastante apreciados pela clientela juvenil do colégio em que trabalhamos. Dentre os fatores que contribuem para a identificação desses livros com os jovens leitores, podemos dizer que a informalidade da linguagem e a riqueza de diálogos têm papel importante. E são justamente essas as características que consideramos importantes nos dados, quando procuramos estabelecer algum padrão para o uso do imperativo no PB contemporâneo.

#### 5- Análise dos dados

5.1- Na peça de Martins Pena constatamos um total de 98 ocorrências no modo imperativo, sendo 89 no afirmativo e 9 no negativo.

O imperativo afirmativo com a segunda pessoa direta (**tu**), em pleno uso na época, ocorreu 55 vezes, contra 34 ocorrências com a 2ª pessoa indireta.

O imperativo negativo, por seu turno, ocorreu 4 vezes com a forma **tu** e 5 vezes com a segunda pessoa indireta.

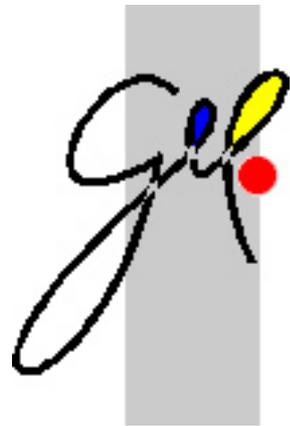
Constatamos uma total conformidade do uso do imperativo na época com o que hoje prescreve o paradigma de derivação oferecido pela gramática normativa, pelo menos no que respeita ao sistema de formação do imperativo quanto à flexão. No entanto, parece-nos que uma descrição coerente do sistema pronominal e flexional poderia incluir a noção de segunda pessoa indireta, dado que é ela que se verifica no período analisado. Como sabemos, a gramática tradicional não dá conta da segunda pessoa indireta em sua descrição do sistema pronominal, sendo usada para esta as formas da 3ª pessoa do singular, representada pelos pronomes **ele/ela** (veja-se também CUNHA & CINTRA, 1985).

Porém, a segunda pessoa indireta a que nos referimos, no período analisado, não é representada pelo pronome **você**, já que este não ocorreu uma única vez na peça estudada, mas pelas formas de tratamento **o senhor, a senhora, a menina, a senhorita** e outras.

5.2 - No texto contemporâneo, de Álvaro Cardoso Gomes, verificamos 91 ocorrências do modo imperativo, dessas 82 no afirmativo e 9 no negativo.

Vale lembrar que não há uma só ocorrência com a segunda pessoa direta (**tu**), predominando absoluto o pronome **você**, numa conformação do sistema pronominal à sistematização de Figueiredo Silva apresentada na seção 1, que coloca o pronome **você** como a segunda pessoa no PB atual.

#### 6. Conclusão



Pelos dados que obtivemos torna-se difícil traçar um quadro paradigmático da formação do imperativo na atualidade, dada a constatação de que a derivação (se pensarmos em termos da gramática normativa) das formas do imperativo não é consistente no português coloquial do PB atual: das 82 ocorrências do imperativo afirmativo com a segunda pessoa (**você**) encontradas no romance de Gomes, 62 provêm do indicativo e 20 do subjuntivo.

Tampouco o imperativo negativo reflete a prescrição da gramática normativa: das 9 ocorrências nessa modalidade, 4 se conformam ao paradigma de derivação flexional oferecido pela gramática e 5 não.

Mostraram-se irrelevantes para essas inconsistências fatores como a conjugação a que pertencem os verbos, bem como a presença de elementos que identifiquem a presença do interlocutor.

Vemos que, a partir de doze verbos aleatoriamente estudados, se quisermos ser didáticos como a gramática normativa, podemos traçar um modelo em que o imperativo afirmativo bem como o negativo para o pronome **você** advenham do presente do indicativo no PB atual.

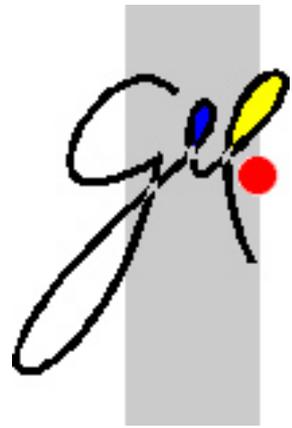
Entretanto, essa análise ficará um tanto fragilizada se considerarmos que há exceções muito expressivas, conhecido o fato de que boa parte das flexões do imperativo, afirmativo ou negativo, também pode provir do presente do subjuntivo.

Mais problemático ainda se torna o delineamento de tal quadro se considerarmos a convivência das formas no imperativo afirmativo, como *conta/ conte, dá/dê, fica/ fique, esquece/ esqueça, dorme/ durma*, etc. e no imperativo negativo como *não conte/ não conta, não fica/não fique, não ligue/não liga, não minta/não mente*, referindo-se sempre evidentemente a **você**, o pronome de segunda pessoa vigente.

Dado o exposto, somente a perspectiva histórica por nós empreendida parece poder dar conta da questão satisfatoriamente: a mencionada convivência de formas no imperativo relacionadas ao pronome **você** pode ser entendida como resultado dos resíduos da segunda pessoa direta (**tu**), presente no paradigma 2 de Duarte (op.cit.). Há que se lembrar que o empobrecimento do sistema flexional referido por aquela autora, em sua conseqüente redução para três formas apenas, teve como um de seus resultados a perda do traço semântico ligado à distinção das pessoas do discurso, o que evidentemente se reflete no modo imperativo.

Dado o "esvaimento" dos traços de concordância (AGR) no PB atual (veja-se Cerqueira-1996), a identificação de pessoa parece se fazer hoje, não só no caso do imperativo, pela presença do falante e do interlocutor, de modo que o aspecto pragmático não pode ser desconsiderado na questão.

Sem dúvida, trabalhos mais abrangentes poderiam dar conta de uma descrição mais completa e sistemática do uso de imperativo no PB contemporâneo. Como vimos, mesmo querendo ser didáticos como a gramática tradicional, não é fácil delinear um quadro de derivação para a formação do



modo imperativo na nossa língua atual, em virtude da forte presença dos resíduos da chamada segunda pessoa direta, que se fazem sentir bem acentuadamente nesse modo verbal.

RESUMO: O trabalho procura lançar alguma luz sobre a questão do uso do modo imperativo na forma como ele se dá na fala viva do português contemporâneo, a partir de uma análise diacrônica de uma peça de Martins Pena (1845) e de um romance infanto-juvenil atual de Álvaro Cardoso Gomes (1996).

PALAVRAS-CHAVE: imperativo; evolução; sistema pronominal.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- CERQUEIRA, Vicente C. *A forma genitiva "dele" e a categoria de concordância (AGR) no português brasileiro*. In: ROBERTS, Ian & KATO, M. A. *Português brasileiro - uma viagem diacrônica*. São Paulo: Editora da Unicamp, 1996.
- COMÉDIAS DE MARTINS PENA, edição crítica de Darcy Damasceno, com a colaboração de Maria Filgueiras, Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1966.
- CUNHA, Celso & CINTRA, Luís F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DUARTE, Maria Eugênia L. *A perda do princípio "evite pronome" no português brasileiro*. Campinas, 1995. Tese de Doutorado- Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade de Campinas.
- \_\_\_\_\_. *Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil*. In: ROBERTS, Ian & KATO, M. A. *Português brasileiro - uma viagem diacrônica*. São Paulo: Editora da Unicamp, 1996.
- GOMES, Álvaro Cardoso. *A História Final*. São Paulo: FTD, 1996.
- MAGALDI, Sábato. *Panorama do Teatro Brasileiro*. São Paulo: Global, 1997.
- SAVIOLI, Francisco P. *Gramática em 44 lições*. São Paulo: Ática, 1987.
- FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina F. *A posição sujeito no português brasileiro: frases finitas e infinitas*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 1996.